



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

O impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos acadêmicos de enfermagem durante o estágio curricular

The impact of the COVID-19 pandemic on the mental health of nursing students during their internship

DOI: 10.55892/jrg.v7i14.952

ARK: 57118/JRG.v7i14.952

Recebido: 26/01/2023 | Aceito: 05/03/2024 | Publicado *on-line*: 07/03/2024

Guilherme Andrade Carneiro¹

<https://orcid.org/0000-0002-7843-391X>

<https://lattes.cnpq.br/7999612382335157>

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, MA, Brasil

E-mail: guillhermeeandrade@gmail.com

João Felipe Tinto Silva²

<https://orcid.org/0000-0003-3662-6673>

<http://lattes.cnpq.br/1402379688346535>

Universidade Estadual do Piauí – UFPI, PI, Brasil

E-mail: felipetinto99@gmail.com

Larayne Gallo Farias Oliveira³

<https://orcid.org/0000-0002-0031-3846>

<http://lattes.cnpq.br/5639264388387820>

Universidade de São Paulo, USP, SP, Brasil

E-mail: larayne@usp.br

Rychelly Pinho Silva⁴

<https://orcid.org/0000-0001-7754-6982>

<http://lattes.cnpq.br/6437927626084042>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão – UNIFACEMA, MA, Brasil

E-mail: enf.rychellypinho@gmail.com

Antônio Maikon Coutinho da Silva⁵

<https://orcid.org/0000-0001-6984-9916>

<http://lattes.cnpq.br/2628780742473259>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão – UNIFACEMA, MA Brasil.

E-mail: antoniomaiko99@gmail.com

Benedito Medeiros da Silva Neto⁶

<https://orcid.org/0000-0003-0224-2866>

<http://lattes.cnpq.br/6591902539691867>

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, MA, Brasil.

E-mail: beneterceiro@hotmail.com

Daynara Domingos⁷

<https://orcid.org/0009-0008-4222-8034>

<http://lattes.cnpq.br/4803288152136113>

Faculdade Uninassau – UNINASSAU, CE, Brasil.

E-mail: daydomin18@gmail.com

Andreza da Silva Fontinele⁸

<https://orcid.org/0000-0002-3239-357X>

<https://lattes.cnpq.br/4592499100097401>

Universidade Federal do Piauí – UFPI, PI, Brasil.

E-mail: andrezacristynna@outlook.com

Bruno Alves Silva e Silva⁹

<https://orcid.org/0000-0002-3158-5940>

<http://lattes.cnpq.br/4897597076230043>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão-UNIFACEMA, MA, Brasil.

E-mail: brunoalvesc4@gmail.com



¹ Graduado(a) em Enfermagem. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) pela FAVENI/ES. Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde em Enfermagem Obstétrica pela UEMA/MA.

² Graduado em Enfermagem. Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Vigilância em Saúde pela FAHOL/PR. Mestrando em Enfermagem pela UFPI/PI.

³ Graduado(a) em Enfermagem. Doutorado em Ciências pela USP/SP. Mestre em Enfermagem pela UESC/BA.

⁴ Graduada em Enfermagem. Especialista em Urgência e Emergência pela FACAPI/PI. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) pela FACAPI/PI.

⁵ Graduado em Enfermagem. Especialista em Estomatoterapia pela FAVENI/ES.

⁶ Graduado em Enfermagem pela UEMA/MA.

⁷ Graduada em Enfermagem pela UNINASSAU/CE.

⁸ Graduada em Enfermagem. Mestrando em Enfermagem pela UFPI, PI.

⁹ Graduado em Enfermagem. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) pela FAVENI/ES.

Resumo

A enfermagem desempenha um papel importante no combate a Covid-19, pois os profissionais passam a maior parte do tempo auxiliando nos cuidados aos pacientes, o que aumenta a suscetibilidade à infecção pelo vírus. Nesse cenário, são incluídos os acadêmicos de enfermagem, do último ano do curso, que estão atuando na linha de frente a Covid-19. Objetivou-se avaliar o impacto da pandemia da Covid-19 na saúde mental dos acadêmicos de enfermagem durante o estágio curricular. Trata-se de um estudo transversal, exploratória com abordagem qualitativa. Os participantes da pesquisa foram os acadêmicos matriculados em disciplinas de estágios supervisionado I e II, regularmente matriculados no curso de Enfermagem da referida instituição. Dos 50 acadêmicos entrevistados 31 eram do sexo feminino e 19 do sexo masculino, com faixa etária de 20 a 26 anos, sendo que 32 dos indivíduos residem com familiares durante a pandemia, destes 44% apresentaram sintomas normais para ansiedade, 58% para depressão e 54% para estresse. Quanto à qualidade de vida houve prejuízo nos domínios físico 24%, psicológico 24%, social, 44% e ambiental 58%. Mulheres apresentaram níveis significativamente maiores de estresse e ansiedade (Média=9,26; DP± 4,865). Os indivíduos que residem sozinhos apresentaram índices inferiores para qualidade de vida física (Média=3,440; DP±0,939) e ambiental (Média=3,380; DP±0,998), (Média=13,42; DP±7,562). Houve associação estatisticamente significativa entre a variável idade com depressão (p-value=0,05), tendo maior predominância de sintomas depressivos nos indivíduos com recorte etário de 27 a 33 anos (Média=11,64; DP±9,266), foi identificado que houve associação significativa entre as variáveis idade e qualidade de vida ambiental (p-value=0,05), evidenciando menores índices nos indivíduos com recorte etário de 26 a 33 anos, apontando maior prejuízo para qualidade de vida destes indivíduos (Media=3,720; DP±0,715). Embora a avaliação dos níveis de ansiedade, depressão e estresse terem variado entre normal e leve. Observou-se associação significativa entre a variável idade com depressão, tendo maior prevalência para os acadêmicos com corte etário de 27 a 33 anos.

Palavras-chave: Covid-19. Saúde Mental. Estagiários de Enfermagem.

Abstract

Nursing plays an important role in the fight against Covid-19, as professionals spend most of their time helping to care for patients, which increases their susceptibility to infection by the virus. This scenario includes nursing students in the final year of their course, who are working on the front line against Covid-19. The aim was to assess the impact of the Covid-19 pandemic on the mental health of nursing students during their internship. This is a cross-sectional, exploratory study with a qualitative approach. The participants were students enrolled in supervised internships I and II, regularly enrolled in the Nursing course at the aforementioned institution. Of the 50 students interviewed, 31 were female and 19 male, aged between 20 and 26, with 32 of them living with family members during the pandemic, of whom 44% showed normal symptoms for anxiety, 58% for depression and 54% for stress. In terms of quality of life, 24% suffered physical impairment, 24% psychological impairment, 44% social impairment and 58% environmental impairment. Women had significantly higher levels of stress and anxiety (Mean=9.26; SD± 4.865). Individuals living alone had lower scores for physical quality of life (Mean=3.440; SD±0.939) and environmental quality of life (Mean=3.380; SD±0.998), (Mean=13.42; SD±7.562). There was a statistically significant association between the age variable and depression (p-value=0.05), with a greater predominance

of depressive symptoms in individuals aged between 27 and 33 years (Mean=11.64; SD±9.266), and a significant association between the age and environmental quality of life variables (p-value=0.05), with lower rates in individuals aged between 26 and 33 years, indicating greater damage to the quality of life of these individuals (Mean=3.720; SD±0.715). Although anxiety, depression and stress levels ranged from normal to mild. There was a significant association between the age variable and depression, with a higher prevalence among students aged between 27 and 33.

Keywords: Covid-19. Mental Health. Nursing trainees.

1. Introdução

A partir do dia 31 de dezembro de 2019, um alerta sanitário foi emitido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), devido a um conjunto de casos do novo coronavírus na província chinesa de Wuhan. Em 05 de Janeiro, o alerta evoluiu para surto epidêmico, e em seguida, no dia 13 de janeiro, a SARS-CoV-2 acometeu de COVID-19 o primeiro caso fora da China. Nos meses de fevereiro e março de 2020, os níveis de transmissão do coronavírus anunciam sinais de alerta internacional para casos espalhados na Ásia e Europa (South et al., 2020).

No Brasil, o primeiro caso foi oficialmente registrado em 26 de fevereiro de 2020. O risco Global de contaminação por Covid-19 era iminente e profundamente preocupado com os níveis alarmantes de propagação da doença e sua gravidade, e com os elevados índices, a OMS em 11 de março de 2020 declarou a COVID-19 como uma pandemia (Greenberg, 2020).

Diante da ausência de um tratamento comprovadamente eficaz as estratégias de distanciamento social foram apontadas como a mais importante intervenção para o controle da COVID-19. No entanto, para equipes de saúde, especialmente aqueles profissionais que cuidam diretamente de pacientes com diagnóstico suspeito ou confirmado de COVID-19 em ambientes de cuidados primários, departamentos de emergência e hospitais, a recomendação de permanência em casa não se aplicava (Teixeira et al., 2020).

Após o início da pandemia do novo coronavírus diversos estudos (Paiano et al., 2020; Ribeiro et al., 2021) observaram seus efeitos negativos à saúde mental da população em geral e dos profissionais de saúde. Nesse contexto, os trabalhadores que lidam com o diagnóstico, tratamento e atendimento durante o cuidado ao paciente com COVID-19 e que estão na linha de frente no manuseio dos pacientes são os mais vulneráveis a desenvolver sofrimento psíquico e outros sintomas de saúde mental (Lai et al., 2020).

Fatores como alta carga de trabalho, estresse, alta pressão resultante do elevado número de atendimento de casos graves, diminuição nas horas de sono, infraestrutura inadequada, Equipamentos de Proteção Individual (EPI) insuficientes, risco de infecção e transmissão para familiares e outros, podem contribuir para o aumento de efeitos adversos psicológicos nesses períodos (Lopes; Sousa; Passos, 2022).

A enfermagem desempenha um papel importante no combate a COVID-19, pois os profissionais passam a maior parte do tempo auxiliando nos cuidados aos pacientes, o que aumenta a suscetibilidade à infecção pelo vírus. Nesse cenário, são incluídos os acadêmicos de enfermagem, do último ano do curso com o contato dos estágios supervisionados, que estão atuando na linha de frente a COVID-19 (Souza et al., 2020).

Os acadêmicos de enfermagem, nesse escopo, encontram-se inseridos no meio desse cenário contextualizado, atuando na linha de frente no combate ao COVID-19. Contudo, questiona-se se tal adoção se torna benéfica para a formação de enfermeiros, mediante as especificidades de seu trabalho que carece de uma base teórica e prática para a formação de um profissional qualificado (Carneiro et al. 2021). Dessa maneira surge o seguinte questionamento: Quais impactos da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos estagiários de enfermagem? Para tal, este estudo teve como objetivo avaliar o impacto da pandemia da Covid-19 na saúde mental dos acadêmicos de enfermagem durante o estágio curricular.

2. Metodologia

Foi realizado uma pesquisa transversal, exploratória com abordagem quantitativa, que analisou o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos acadêmicos de enfermagem durante o estágio curricular.

Adotou-se como critério de inclusão, adultos jovens, de ambos os sexos, com faixa etária entre 20 e 40 anos, serem acadêmicos do curso de Enfermagem da instituição (UniFacema) os quais deveriam estar cursando a disciplina de estágio supervisionado I ou II, apresentar interesse para participar da pesquisa, não possuir dificuldade para compreensão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi apresentado no início da pesquisa e responder os questionários aplicados. Foram excluídos da pesquisa, os participantes que não estavam cursando exclusivamente os estágios supervisionados I ou II.

Inicialmente, foi realizada a identificação do número de estudantes matriculados nas disciplinas de estágio curricular I e II no período correspondente a pesquisa. A triagem foi efetuada com base nos dados do sistema de estudantes disponibilizado pela Instituição. Neste sentido, havia aproximadamente, 83 alunos de Enfermagem distribuídos em diferentes turmas e turnos.

Os participantes foram selecionados por meio de entrevistas remotas e de forma presencial. Ao aceitar a participar da pesquisa foi lhes dado TCLE. Após receber e assinar o TCLE, foi aplicado Questionário validado sobre o Perfil Sociodemográfico e aspectos da Saúde Mental na Pandemia, posteriormente aplicação das escalas de Ansiedade, Depressão e Estresse - EADS-21. Após a seleção das pacientes, foi realizado uma análise estatística descritiva para os dados em geral relacionados ao perfil sociodemográfico. Em casos específicos para algumas respostas quantitativas, os dados foram submetidos à análise de frequência de escolha, porcentagem e média \pm desvio padrão.

Posteriormente, foi realizado teste Qui-quadrado de associação entre as variáveis: sociodemográfica, qualidade de vida e sintomas de ansiedade depressão e estresse. A fim de analisar a qualidade de vida e a prevalência e fatores associados à saúde mental ocasionados pela COVID-19. O Qui-quadrado de associação de Pearson é um teste não-paramétrico que avalia a associação ou independência entre duas/mais variáveis nominais ou dicotômicas (Figueiredo Filho; Silva Júnior, 2009).

O ajuste estatístico foi considerado em nível de intervalo de confiança de 95% (IC 95%) para as variáveis dependentes. A probabilidade de 5% para o erro tipo I foi adotada em todas as análises ($p < 0,05$), com correção de alfa-Bonferroni para as análises de Qui-quadrado, quando necessário. As análises foram conduzidas no SPSS for Windows versão 20.0 (SPSS Inc., Chicago, Il, EUA).

O projeto foi enviado ao Comitê de Ética do Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão – (UniFacema), com aprovação em atendimento a resolução

466/12 que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Este foi aprovado com número do Parecer Consubstanciado: 4.980.004.

3. Resultados

A amostra foi constituída por 50 acadêmicos do curso de Enfermagem, matriculados em disciplinas de estágio curricular obrigatório durante o período da Pandemia da Covid-19. A maior parte dos alunos estava matriculada no 10º período, correspondendo a 70% (n=35) dos acadêmicos, enquanto que 30% (n=15) estavam matriculados no 9º período. Em relação ao sexo, houve predominância correspondente ao sexo feminino 62% (n=31), seguido pelo sexo masculino 38% (n=19). A faixa etária de maior concentração foi no intervalo de 20-26 anos, sendo 68% (n=34) da amostra analisada.

Com base nos dados, em relação à raça/cor, a maioria dos acadêmicos se autodeclararam pardos 48% (n=48), seguido pela raça/cor branca 38% (n=19) e negra 22% (n=11). Em relação à com quem reside durante a pandemia, evidenciou-se que 64% (n=32) dos acadêmicos residiam com familiares e parentes, 26% (n=13) residiam com amigos e apenas 10% (n=5) moravam sozinho.

Quando indagado aos acadêmicos em relação à realização de testagem para COVID-19, houve prevalência de alunos que realizaram o teste com resultado negativo, sendo uma equivalência de 46% (n=23) indivíduos, ou seja, não testaram positivo para a COVID-19 durante a Pandemia. Quanto à análise para grupo de risco, a maioria referiu não ser do grupo de risco, correspondendo a 64% (n=37) dos acadêmicos. Por outro lado, 52% (n=26) dos avaliados tiveram contato com pessoas do grupo de risco conforme mostrado na tabela 1. Observa-se, portanto que embora boa parte não seja pertencente ao grupo de risco, a maioria dos acadêmicos teve contato com pessoas do grupo de risco, seja no seu convívio familiar, entre amigos, ou durante o período de estágio.

Tabela 1. Características dos aspectos sociodemográficos em relação ao grupo de acadêmicos de Enfermagem em estágio (n=50).

Variáveis		N	Total
Sexo	Masculino	19	38%
	Feminino	31	62%
	Total	50	100%
Faixa etária	20-26 anos	34	68%
	27-33 anos	13	26%
	34-40 anos	3	6%
	Total	50	100%
Período de estudo	9º ano	15	30%
	10º ano	35	70%
	Total	50	100%
Raça/Cor	Branca	15	30%
	Parda	24	48%
	Amarela	0	0%
	Negra	11	22%
	Total	50	100%
Testagem para COVID-19	Realizaram o teste e deu positivo	15	30%
	Realizaram o teste e deu negativo	23	46%
	Não realizaram o teste	12	24%

	Total	50	100%
Com quem reside durante a pandemia	Com familiares e parentes	32	64%
	Com amigos	13	26%
	Sozinho	5	10%
	Total	50	100%
Grupo de risco para Covid-19	Sim	13	26%
	Não	37	64%
	Total	50	100%
Contato com pessoas do grupo de risco	Sim	26	52%
	Não	25	48%
	Total	50	100%

Legenda: N: frequência.

Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2024).

A distribuição dos dados para os constructos ansiedade, depressão e estresse, revelou uma maior frequência para normalidades em relação à ansiedade 44% (n=22) dos casos avaliados. Em relação à depressão, a porcentagem demonstrou 50% (n=25) para ausência de casos depressivos. Para estresse, os valores encontraram-se dentro do padrão normal, sendo 54% (n=27) dos casos, conforme a tabela 2.

Tabela 2. Ansiedade, Depressão e Estresse – 21 (EADS-21): Classificação do grupo de acadêmicos de Enfermagem em estágio, de acordo com o nível de depressão, ansiedade e estresse na semana anterior (n=50).

	Variáveis	Total	
		N	%
Ansiedade	Normal	22	44%
	Suave	11	22%
	Moderado	10	20%
	Grave	5	10%
	Muito grave	2	4%
	Total	50	100%
Depressão	Normal	25	50%
	Suave	19	38%
	Moderado	4	8%
	Grave	0	0%
	Muito grave	2	4%
	Total	50	100%
Estresse	Normal	27	54%
	Suave	19	38%
	Moderado	1	2%
	Grave	0	0%
	Muito grave	3	6%
	Total	50	100%

Legenda: N: frequência.

Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2024).

Ao estabelecer uma correlação entre os constructos ansiedade, depressão e estresse, os dados apresentados mostraram que houve uma correlação estatisticamente significativa entre os fatores de ansiedade e depressão (p-value<0,000), e entre depressão e estresse (p-value=0,035). Por inferência pode-se

afirmar que quanto mais intenso os sintomas de ansiedade e estresse maior a probabilidade de terem comprometimentos no tocante a sua saúde mental, e/ou evoluírem para transtornos depressivos. Em relação aos demais dados encontrados não houve correlação estatisticamente significativa, como mostra a tabela 3.

Tabela 3. Correlação entre os construtos de ansiedade, depressão e estresse.

Variáveis EADS-4	Ansiedade	Depressão	Estresse
Ansiedade		0,000*	0,110*
Depressão	0,000*		0,035*
Estresse	0,110*	0,035*	

Legenda: * $p < 0,05$;

Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2024).

Em relação a variável sexo e os construtos ansiedade, depressão e estresse, evidenciou-se que a prevalência de sintomas de ansiedade foi mais evidente no sexo feminino (Média=9,26; DP± 4,865), assim como, aos sintomas de estresse, também apresentaram maior prevalência os indivíduos do sexo feminino (Média=13,42; DP±7,562). Já a prevalência de sintomas de depressão foi maior no sexo masculino (Média=10,95 DP=7,098).

Apreende-se, portanto, que discentes do sexo feminino estão mais propensas a desencadear sintomas de ansiedade e estresse, enquanto que acadêmicos do sexo masculino estão mais propensos a sintomas depressivos. Apesar disso, não houve uma diferença significativa entre eles, pois a análise cruzada não apontou correlação significativa entre a variável sexo e os construtos ansiedade (p -value=0,843), depressão (p -value=0,201) e estresse (p -value=0,864).

Ainda no tocante a análise da variável idade e os construtos de ansiedade, depressão e estresse, foi possível observar correlação estatisticamente significativa entre as variáveis idade e depressão (p -value=0,05), tendo maior predominância de sintomas depressivos nos indivíduos com recorte etário de 27 a 33 anos (Média=11,64; DP±9,266). Evidenciou-se também, que há uma maior prevalência de sintomas ansiosos nos indivíduos com recorte etário de 27 a 33 anos (Média=9,27; DP±5,312), enquanto que a prevalência de sintomas de estresse foi maior nos participantes com recorte etário de 20 a 26 anos (Média=13,88; DP±8,633). As demais análises não demonstraram correlações significativas entre as variáveis entre idade e sintomas de ansiedade (p -value=0,438), e estresse (p -value=0,553).

Constatou-se também que a maior parcela dos acadêmicos que moram sozinhos apresentaram índices mais elevados de ansiedade (Média=14,20; DP±6,719) e estresse (Média=15,46; DP±9,492), seguido por participantes que estiveram com familiares, sendo para ansiedade (Média=9,12; DP±5,129) e estresse (Média=12,66; DP±8,849). Além disso, os indivíduos que estiveram na presença de amigos apresentaram os índices menos elevados para ansiedade (Média=8,62; DP±4,292) e estresse (Média=11,80; DP±5,891) (Tabela 4).

Tabela 4. Escores padronizados do perfil sociodemográfico segundo os domínios de qualidade de vida e os construtos de ansiedade, depressão e estresse (EADS–21).

EADS – 21			
	Média (DP)		
	Ansiedade	Depressão	Estresse
Sexo			
Feminino	9,26 (4,865)	8,77 (3,566)	13,42 (7,562)
Masculino	8,74 (5,075)	10,95 (7,098)	12,79 (7,323)
P	0,834*	0,201*	0,864*
Idade			
20 – 26 anos	9,21 (5,089)	9,65 (5,415)	13,88 (8,633)
27 – 33 anos	9,27 (5,312)	11,64 (9,266)	9,64 (4,365)
34 – 40 anos	8,00 (3,082)	5,80 (2,168)	8,40 (5,367)
P	0,438*	0,050*	0,553*
Com quem reside durante a pandemia			
Familiares	9,12 (5,129)	8,88 (4,969)	12,66 (8,849)
Amigos	8,62 (4,292)	10,08 (6,825)	11,80 (5,891)
Sozinho	14,20 (6,719)	8,60 (2,881)	15,46 (9,492)
P	0,931*	0,490*	0,599*

Legenda: * $p < 0,05$;

Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2024).

4. Discussão

Quando estudados os dados sociodemográficos dos estudantes do centro universitário pesquisado no período de estágio curricular, houve um predomínio do sexo feminino, correspondendo a 62% dos participantes do estudo. Estes dados corroboram com os valores encontrados na literatura, em um estudo realizado por Santiago et al. (2021) 84,8% era do sexo feminino, já no estudo de Abreu, Souza e Mesquita (2023) este valor se elevou para 88,7% dos participantes e o maior valor encontrado 92,16% no estudo de Moreira e Tonon (2021). Tal fato é explicado por Dal'bosco et al. (2020) que ressalta a predominância feminina presente nos cursos de graduação em enfermagem, que pode ser decorrente de um fator cultural, no qual atribui-se as mulheres a responsabilidade pelo cuidado nas diversas civilizações, fato que se perpetua no decorrer dos anos.

Quanto à idade, observou-se que a maioria dos acadêmicos concluem a graduação com uma idade entre 20 e 26 anos, fato este que se torna determinante para ingresso dos jovens nas universidades na atualidade. Dados similares encontrados por Albuquerque; Silva e Araújo et al. (2020) em seu estudo em um a instituição de Ensino Superior onde a variação de idade dos ingressantes no curso de Enfermagem variou de 17 a 20 anos.

No que se refere à raça/cor a presente pesquisa evidenciou que houve predominância da raça/cor parda, correspondendo a 48% ($n=24$) dos participantes. Dados estes que divergem com os dados encontrados na literatura no estudo de (Lima, 2020; Teixeira et al., 2020; Silva; Nascimento; Botelho, 2023), onde 88,5%, 60,6% e 85,5% dos participantes declararam ser da cor branca, respectivamente.

Pesquisa realizada por Eurich e Kluthcovsky (2020), mostrou que 86,6% dos acadêmicos entrevistados residem com familiares, e 13,4% moram sozinhos. Kawakame et al. (2021) reforçam que em tempos de pandemia da Covid-19, 75,7% dos estudantes residem com a família, 22% em repúblicas ou em pensões e apenas 2,3% moram sozinhos. Em consonância com os autores, a presente pesquisa revelou dados similares aos encontrados na literatura, pois a maioria dos acadêmicos ainda

permanece residindo junto aos familiares, quando se perguntou com quem eles residiam 64% responderam que moram com seus familiares, 26% residem com amigos e 10% apenas moram sozinhos.

No que tange aos resultados do presente estudo foi possível observar que a maior parte dos estudantes apresentaram níveis considerados normais de estresse (54%), ansiedade (44%) e depressão (58%). Contrariamente a esses resultados, em um estudo brasileiro, realizado com 119 acadêmicos de enfermagem, foi verificado níveis significativamente mais elevados de depressão (57%), ansiedade (60,5%) e estresse (65,8%) nos estagiários do curso em questão, sendo que 34,6% se encontravam em nível de exaustão (Silva et al., 2021).

Mendes et al. (2024) sugerem que os níveis elevados de sintomas de depressão, ansiedade e estresse nos estagiários da área da saúde possivelmente são oriundos das demandas e responsabilidades teórico-práticas (trabalho de conclusão de curso, prática supervisionada com relatórios regulares), o que pode acarretar consequências negativas na vida destes, repercutindo inclusive no cuidado do paciente.

Além disso, os resultados evidenciaram que houve associação significativa entre os construtos de ansiedade e depressão ($p < 0,000$), e entre depressão e estresse ($p < 0,035$), por inferência pode-se afirmar que quanto mais intenso os sintomas de ansiedade e estresse maior a probabilidade de evoluírem para transtornos depressivos. Dados estes que se assemelham aos encontrados no estudo de (Bezerra et al., 2020; Maia; Dias, 2020; Silva et al., 2021).

As evidências na literatura revelam que, estudantes universitários, principalmente das áreas de saúde, vêm apontando que o estresse pode gerar consequências negativas a eles, como o surgimento de transtornos de ansiedade e depressivos, prejudicando o seu desempenho acadêmico, diminuindo a atenção e concentração, podendo afetar as habilidades de tomar decisões, interferindo no estabelecimento de uma relação efetiva com o paciente. Mediante esses dados, o estresse nessa população é motivo de preocupação, pois a longo prazo pode desencadear um problema de saúde pública, uma vez que, ao prejudicar a educação dos futuros profissionais, acarretará malefícios que poderão recair também sobre os usuários (Nabuco; Oliveira; Afonso, 2020; Siepmann; Santos; Marchiori, 2020).

Os resultados mostraram índices maiores de casos de ansiedade e estresse para o sexo feminino, foi possível constatar que não houve associação estatisticamente significativa entre sexo para as três variáveis analisadas, ansiedade, depressão e estresse, de forma que os escores foram semelhantes em ambos os sexos.

Dados estes que divergem da pesquisa realizada por Silva et al. (2021) em uma estudo de cunho exploratório com um total 249 participantes acadêmicos de enfermagem verificou que houve prejuízo significativo das mulheres nos domínios físico, psicológico e ambiental da qualidade de vida, além de níveis significativamente maiores de estresse, ansiedade e depressão, o que condiz com outros estudos epidemiológicos com estudantes da faculdade UNESP (Araraquara) os quais relatam que a prevalência de problemas relacionados à saúde mental em mulheres foi duas vezes maior, em comparação aos homens (BARROS et al., 2020).

Constatou-se no presente estudo que após análise cruzada da variável idade e os construtos de ansiedade, depressão e estresse, foi identificada associação estatística significativa com a variável idade e depressão ($p\text{-value} < 0,05$), tendo maior predominância de sintomas depressivos nos indivíduos com recorte etário de 27 a 33 anos (Média=11,64; DP±9,266).

Em desencontro a estes resultados na pesquisa realizada por Lima et al. (2019), com 2.306 estudantes universitários da área da saúde, utilizando como instrumento de coleta de dados inventário de beck de depressão – BDI, que evidenciou a presença de associação entre depressão e faixas etárias. Foi identificada associação significativa ($p\text{-value}=0,001$), entre os acadêmicos de 26 a 33 anos, pois do total de 241 acadêmicos com depressão, 153 (63,49%) pertenciam a essa faixa etária.

Apesar dos estudantes que residem sozinhos apresentarem os maiores índices de ansiedade (Média=14,20; DP±6,719) e estresse (Média=15,46; DP±9,492), os resultados não demonstraram associação estatística significativa entre a variável com quem reside durante a pandemia e os construtos de ansiedade, depressão e estresse.

Resultados estes que divergem dos achados de Abreu; Souza e Mesquita (2024), em seu estudo de cunho transversal, descritivo e de abordagem quantitativa, que objetivou evidenciar índices de depressão, ansiedade e estresse entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina de um centro universitário do Acre, constatou que há maior risco de depressão entre os estudantes universitários procedentes de municípios distantes da universidade e que, conseqüentemente, estavam afastados do âmbito familiar, tornando-se mais expostos a distúrbios psicológicos. Souza (2020) acrescenta que residir com a família é um fator positivo para evitar o desenvolvimento de crises emocionais.

5. Conclusão

O estudo considerou níveis considerados normais de estresse, ansiedade e depressão. Porém, houve correlação significativa entre os constructos de ansiedade com depressão e estresse e depressão. Houve ainda significância estatística entre a variável idade e depressão, tendo maior predominância de sintomas depressivos nos indivíduos com recorte etário de 27 a 33 anos.

Constatou-se que atuar na linha de frente de um agente invisível é um momento de preocupações, de pressão psicológica e que pode ocasionar problemas mentais aos estudantes, decorrentes do medo, angústias e ansiedades. Além do receio do próprio contágio, esses acadêmicos em estágio temiam a infecção à sua família, colegas universitários e demais amigos, sentindo incertezas e rotulações, relutâncias em ir trabalhar e altos índices de pedidos de estagio remoto, modalidade essa desenvolvido durante a pandemia para discentes que possuem problemas considerados de risco para COVID-19.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se a amostragem limitada, o que dificulta a generalização dos resultados, bem como a realização de análises mais robustas. Pode-se apontar também a escassez de evidência científica na literatura que abordem a temática estudada, os poucos estudos que existem não são conclusivos, alguns com metodologias e amostra limitadas. Entretanto, essa escassez justifica-se por ser um estudo novo, por ainda estarmos vivenciando período de pandemia da coronavírus.

Desse modo, recomenda-se a realização de mais pesquisa sobre o assunto abordado, sobretudo para verificar a saúde mental dos acadêmicos de enfermagem e outras áreas no cenário pós-pandemia. Ademais, os resultados alcançados ampliam a produção científica acerca da temática, fornecem evidências sobre a importância ou mecanismos de suporte nas instituições de ensino para amenizar os sofrimentos psicológicos desses universitários e a preocupação dos órgãos governamentais, incentivando o autocuidado através de estratégias preventivas para a população em geral e ajuda especializada em redes de atenção em momentos de crise.

Referências

- ABREU, P.T.C; SOUZA, S.S; MESQUITA, L.F.Q. Impactos da pandemia de Covid-19 na qualidade de vida e satisfação no trabalho dos profissionais de saúde no Brasil. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n. 12, p. 352–365, 2023.
- ALBUQUERQUE, L.P; SILVA, R.B; ARAÚJO, R.M. COVID-19: origem, patogênese, transmissão, aspectos clínicos e atuais estratégias terapêuticas. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde**, v. 6, n. 1, p. e10432, 2020.
- BARROS, MB et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, p. 1-12, 2020.
- BEZERRA, A.C.V. et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25 n. supl.1, p. 2411-2421, 2020.
- CARNEIRO, PRC. et al. O ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em tempos de pandemia do coronavírus (COVID-19). **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 7, n. 1, p. 8667–8682, 2021.
- DAL’BOSCO, EB et al. A saúde mental da enfermagem no enfrentamento da COVID-19 em um hospital universitário regional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, p. e20200434, 2020.
- EURICH, R.B; KLUTHCOVSKY, A.C.G.C. Avaliação da qualidade de vida de acadêmicos de graduação em Enfermagem do primeiro e quarto anos: influência das variáveis sócio demográficas. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 30, n. 3, p. 211-220, 2020.
- FIGUEIREDO FILHO, DB; SILVA JÚNIOR, JL. Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). **Revista Política Hoje**, v. 18, n. 1, p. 114-146, 2009
- GREENBERG N. Saúde mental dos profissionais de saúde na era COVID-19. **Nature Reviews Nephrology**, v. 16, n. 1, p. 425-426, 2020.
- KAWAKAME, PMG; MIYADAHIRA, AMK. Qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem USP**, v. 39, n. 2, p. 164-172, 2021.
- LAI, J. et al. Fatores associados aos resultados de saúde mental entre profissionais de saúde expostos à doença por coronavírus em 2019. **JAMA Network Open**, v. 3, n. 3, p. e203976-88, 2020.
- LIMA, C. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). **Revista Radiol Brasil**, v.53, n.2, p. 5-6, 2020.

LOPES, L.M.S; SOUSA, P.V.C; PASSOS, S.G. Saúde mental dos profissionais de enfermagem que atuam na linha de frente da covid-19: revisão literária. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 5, n. 10, p. 294–304, 2022.

MACEDO, J.M.S; SOUZA, R.C.S; JESUS, A.L.S. A covid-19 e o medo que afeta a saúde mental dos profissionais de enfermagem: revisão literária. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 4, n. 9, p. 58–65, 2021.

MAIA, B; DIAS, P. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da covid-19. **Revista Estudo e Psicologia**. v.37, n.1, e200067, 2020.

MENDES, ALAC et al. O impacto da Covid-19 na saúde física e mental de estudantes universitários da Cidade de João Pessoa, Paraíba. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 14, p. e14694, 2024.

MOREIRA, CL; TONON, TCA. Desafios de estudantes concluintes do curso de bacharelado em enfermagem, diante do estágio supervisionado e a pandemia da covid-19. **Revista Pesquisa, Sociedade E Desenvolvimento**, v. 10, n. 7, p. e25710716640, 2021.

NABUCO, G; OLIVEIRA, M.H.P; AFONSO M.P. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde? **Revista Brasileira de Medicina Família e Comunidade**, v. 15, n. 42, p. e2532, 2020.

PAIANO, M. et al. Saúde mental dos profissionais de saúde na China durante pandemia do novo coronavírus: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, e20200338, 2020.

RIBEIRO, LS. et al. Efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de uma comunidade acadêmica. **Revista Acta Paulista de enfermagem**, v. 34, n. 1, p. eAPE03423, 2021.

SANTIAGO, BM. et al. Índices de depressão ansiedade e estresse entre estudantes de enfermagem e medicina do Acre. **Revista de Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 73-84, 2021.

SIEPMANN, K; SANTOS, N; MARCHIORI, M. Estágio curricular supervisionado no contexto da covid-19 e o desenvolvimento profissional de estudantes de enfermagem. **Revista Enfermagem em Foco**, v. 11, n, 2, p. 148-151, 2020.

SILVA C et al. Covid-19: Aspectos da origem, fisiopatologia, imunologia e tratamento: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. v.13, n.3, p. 1-8, 2021.

SILVA et al. O impacto psicológico da pandemia de COVID-19 nos acadêmicos de medicina da região de Carajás. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, v. 3, n. 6, p. 19731-19747, 2020.



SILVA, A.M.X; NASCIMENTO, P.M.S; BOTELHO, R.M. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia Covid-19. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n. 13, p. 2617–2628, 2023.

SILVA, AL. et al. Percepção da qualidade de vida e prevalência de sintomas de depressão em universitários. **Revista Casos e Consultório**, v. 12, n. 1, p. e25958, 2021.

SILVA, LMS; JESUS, NA; KONO, EM. Qualidade de vida e fatores associados em discentes de uma universidade pública do interior da Amazônia. **Revista Eletrônica Acervo e Saúde**, v. 13, n. 5, p. e7562, 2021.

SOUTH, A.M. et al. COVID-19, ACE2, and the cardiovascular consequences. **American Journal of Physiology Heart and Circulatory Physiology**, v.318, n.5, p. H1084-H1090, 2020.

SOUZA, L.B et al. Estágio curricular supervisionado em enfermagem durante a pandemia de coronavírus: experiências na atenção básica. relato de experiência. **Revista de Enfermagem e Saúde**. v. 10, (1), p. e20104017, 2020.

TEIXEIRA, C et al. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Revista Ciência Saúde Coletiva**. v.25, n.9, p. 3465-3474, 2020.